ROBERT BARRON

Redimir o tempo

PERSPETIVAS DO EVANGELHO
SOBRE OS DESAFIOS ATUAIS

PAULUS

Prefácio

No que diz respeito a eventos atuais, a constante tentação do Cristianismo é tornar-se ou demasiado vertical ou demasiado horizontal. Ou seja, ou nos tornamos tão obcecados com a contemplação sobrenatural que ficamos completamente desligados daquilo que se está a passar logo à saída da igreja, ou tão absorvidos por um programa social ou político que praticamente ignoramos a dimensão espiritual da existência humana e o seu destino. A manifestação mais subtil desta mesma tentação é, provavelmente, pensar que a solução reside numa simples divisão matemática de 50/50, com metade do tempo dedicado ao aqui e agora e a outra metade à vida que está para vir.

Naturalmente, a resposta católica é completamente diferente: é "ambos". O objetivo é levar tanto uma vida totalmente envolvida na confusão e agitação do dia a dia, como, ao mesmo tempo, totalmente permeada pelo transcendente. Simplificando, o segredo é ser completamente horizontal e completamente vertical em simultâneo.

Na vida católica recente, o melhor exemplo foi São João Paulo II, aquele que poderia ter sido um místico carmelita, cuja vida inteira irradiava profundidade espiritual, mas que também estava pelo menos tão bem informado e envolvido nas minúcias da geopolítica e dos movimentos da história como a maioria dos políticos e diplomatas seculares da sua época. Na América [Estados Unidos da América] de hoje, o melhor exemplo público

que temos dessa capacidade de encarnar plenamente o horizontal e o vertical é provavelmente o bispo auxiliar Robert Barron, de Los Angeles, fundador do *Word on Fire*, como esta coleção de ensaios ilustra abundantemente.

Certamente ninguém poderia acusar Barron de dar pouca importância ao espiritual. As suas obras mais conhecidas não são comentários sobre a atualidade, mas sim exposições profundas e elegantes da fé intemporal da Igreja Católica, elaboradas por alguém profundamente imerso nela. Embora o catolicismo tenha muitos excelentes evangelizadores, o dom especial de Barron consiste em fazer com que a tradição intemporal da Igreja pareça, ainda assim, atual, ao adaptá-la aos peculiares altos e baixos da era pós-moderna – desde o nosso fundamentalismo quase jansenista em relação à ciência até à nossa tóxica dependência do sarcasmo. Em determinado momento, Barron evoca São John Henry Newman para explicar que a Igreja se move através de cada cultura como um animal que procura alimento numa floresta, assimilando o que pode e combatendo o que tem de combater. Este livro mostra Barron no seu melhor tanto a procurar como a combater.

Sempre soube que o bispo Robert Barron é um ávido consumidor de jornalismo e reconhece o valor das pressões que os jornalistas enfrentam ao elaborar o primeiro rascunho da história. O cargo que detenho no *Word on Fire Institute*, que está sob a proteção de São Francisco de Sales, padroeiro dos jornalistas, é a prova disso. Ao contrário de muitas pessoas importantes da Igreja com quem me vou cruzando neste ramo de trabalho, Barron não espera que os jornalistas sejam o quinto evangelista. Ele entende que o jornalismo é um animal diferente, com a sua própria lógica e princípios de prática profissional, e deseja que seja investigativo, crítico e independente de outras agendas.

Quando é exigente em relação à atividade jornalística, é porque quer que façamos melhor jornalismo, não para que sejamos porta-vozes do sistema ou defensores de qualquer outra causa.

O meu trabalho como jornalista é cobrir o Vaticano e, ao longo dos anos, tive mais conversas do que consigo contar com bispos sobre as últimas loucuras que vão surgindo dentro ou em redor da Cidade Eterna. Posso testemunhar que raramente me fizeram perguntas tão inteligentes como as que recebi de Barron, e isso deve-se ao facto de ele ter o coração de um padre e a mente de um professor, mas também a perspicácia de um bom repórter. (Ainda hoje me persegue uma pergunta que ele fez sobre as eleições papais, porque continuo sem ter uma boa resposta para lhe dar, mas isso fica para outra altura.)

O que eu não tinha percebido até ler esta coleção de ensaios, porém, é que Barron, discretamente, é também um comunicador exímio. É tão conhecido pelos seus projetos em vídeo, pelas homilias, pelas palestras e conferências, que é fácil não reparar no facto de ser também um colunista de jornal à moda antiga, uma espécie de Walter Winchell de mitra e batina. Se a maioria destes ensaios tivesse sido publicada na página de opinião do *New York Times* ou do *Wall Street Journal*, teriam assentado que nem uma luva – e, para ser franco, o nível do nosso discurso cívico na América estaria muito mais elevado se assim fosse.

Enquanto ensaísta – ou, como se diria no meu meio profissional, colunista – Barron revela três grandes qualidades, todas amplamente ilustradas nesta coletânea.

Em primeiro lugar, Barron escreve com verdadeira inteligência. O seu artigo sobre o fiasco em torno do ex-Cardeal Theodore McCarrick, agora também ex-sacerdote, começa com uma referência à imagem do Anticristo de Luca Signorelli, na Catedral de Orvieto, e passa rapidamente para a exegese de René

Girard, sem pedir desculpa pelas suas digressões eruditas. Tem também o hábito de introduzir em frases palavras rebuscadas sem qualquer artificialismo. Barron parte do princípio de que o leitor é suficientemente inteligente para lidar com conteúdos de alto nível e não faz qualquer esforço, como tantos cronistas contemporâneos, para simplificar em demasia ou mascarar a falta de ideias com *clichés* e tiradas fáceis.

Quero dizer, penso que ninguém que termine as suas crónicas com *slogans* excêntricos do tipo «Abaixo o reducionismo kantiano!» está realmente a tentar agradar ao denominador comum mais baixo!

Em segundo lugar, Barron toma posições. Nunca há dúvida sobre o seu lado de um debate; basta ler o seu ensaio sobre as ideias de Bill Nye, o "*Science Guy*", a propósito da filosofia, por exemplo, e não há qualquer confusão quanto ao que Barron pensa. (Sou demasiado velho para ter visto o programa de Nye nos anos 90, destinado aos jovens da altura, mas partilho o ceticismo de Barron em relação a ser suficiente apresentar um programa infantil de televisão para estar habilitado a fazer declarações sobre metafísica.)

Ainda que Barron possa ser crítico, até mordaz, nunca é maldoso. Na verdade, tornou-se o grande opositor do sarcasmo católico do século XXI, especialmente nas redes sociais. Uma secção inteira desta coletânea é dedicada a denunciar aquilo a que Barron chama de «cultura do desprezo» *online*, que não é um problema exclusivo dos católicos, mas que estes, sem dúvida, têm um dever acrescido de combater. Se olharmos para a sua análise das caixas de comentários nas redes sociais, no ensaio «A *Internet* e o Jogo de Satanás», fica clara a diferença entre argumento (bom) e calúnia (mau).

Em terceiro lugar, Barron é, simplesmente, um escritor excelente. Consideremos, por exemplo, a forma como conclui um

ensaio sobre o filme *A Forma da Água*, no qual defende que a obra exalta a liberdade e o individualismo à custa da estrutura e da participação em algo maior do que o próprio eu: «Se tudo o que temos é a forma da água, ou seja, nenhuma forma de todo», escreve Barron, «então estamos, na verdade, em má forma». (Aviso: um dia, hei de encontrar um contexto para roubar esta frase.)

No ensaio desta coletânea sobre o uso indevido do termo «guerreiro cultural», que Barron considera um bom exemplo de quando se trata uma abstração como se fosse algo real, sugere seguir os imperativos epistémicos de Bernard Lonergan:

- Sê atento (vê o que realmente há para ver).
- Sê inteligente (formula hipóteses plausíveis para explicar um determinado fenómeno).
- Sê razoável (faz julgamentos de forma a determinar qual, entre várias boas ideias é, de facto, a correta).
- Sê responsável (aceita todas as implicações do julgamento feito).

Não encontrarás melhor exemplo de uma mente católica viva a tentar pôr esses princípios em prática do que os ensaios aqui reunidos. Como dizemos em italiano, *Buona lettura*!

John L. Allen Jr.

Índice

Prefácio 5

PARTE I
Combater a crise dos abusos sexuais

Tintoretto e a reforma da Igreja. 13
O Caso de McCarrick 16
Semear vento e colher tempestade:
uma reflexão sobre o referendo irlandês 20
Carta a uma Igreja em sofrimento: conclusão. 24

PARTE II
Chegar aos sem-religião

A geração menos religiosa da história
dos EUA:uma reflexão sobre *iGen*,
de Jean Twenge 29
Espinosa, secularismo
e o desafio da evangelização. 33
Sair da sacristia: um olhar sobre
as nossas prioridades pastorais 37
Romper as barreiras do "sujeito defendido" 40
Bill Nye não é o *Philosophy Guy* 44
Stephen Hawking:
grande cientista, péssimo teólogo 48
Doutor Estranho, cientificismo
e a etapa gnóstica. 52
O fenómeno Jordan Peterson 56
Ouvir Jordan Peterson e Sam Harris 60

A reunião da USCCB,
Jordan Peterson e os sem-religião 64
O que aprendi ao falar com
milhares de céticos no *Reddit* 68
Apologistas, catequistas,
teólogos: Acordem! 72
Uma nova apologética: uma intervenção
no Sínodo sobre os Jovens 77
Porque é que acompanhar
implica apologética 81
Black Elk e a necessidade de catequistas 85
Apressa-te! Maravilha-te!
Guarda no teu coração! 88

PARTE III
Resistir à cultura do desprezo

As redes sociais e a cultura do desprezo 95
A *internet* e o jogo de Satanás 99
Orgulho, humildade e redes sociais 103
Tomás de Aquino e a arte
de fazer um debate público 107
Kathy Griffin e a extinção do debate. 111
Violência contra os cristãos
e o declínio da razão 115
Ama um inimigo esta Quaresma 119

PARTE IV
Confrontar o caos moral

The Crown e os valores
fundamentais de uma sociedade 125
Paul Tillich e *A Forma da Água*. 129
Libertar-se da prisão da autoinvenção 133

O anúncio de *Doritos*
e o renascer do voluntarismo. 136
Hannah Arendt, o totalitarismo
e a distinção entre o facto e a ficção 140
Paulo VI, profeta 144
Pornografia e a maldição
da liberdade sexual total. 148
Michelle Wolf e a cultura do descarte 152
Encarar o aborto 155
Nova Iorque, o aborto
e um curto caminho para o caos. 159
O amor é tolerante e intolerante 163
Não podemos fazer o mal
mesmo que dele resulte um bem. 167

PARTE V
Definir a justiça social

Charlottesville e o pecado original americano 173
O Pentecostes e os fogos nas nossas cidades 177
Martin Luther King Jr. e a motivação
religiosa para a mudança social. 182
Reconhecer um abismo, encontrar uma ponte 186
Estamos todos a ficar platonistas –
e isso não é bom. 190
Cancelar o Padre Serra 194
A saga *Guerra das Estrelas*
perdeu o rumo. 197
Wokismo em França:
vira-se o feitiço contra o feiticeiro. 200
Daniel Berrigan e a não-violência. 203
A mensagem surpreendente
de *Pequena Grande Vida*. 207

À conversa com jovens jesuítas sobre
justiça social e evangelização 211
Peter Claver *versus* Immanuel Kant 215
Domínio, os valores do
Ocidente e a Cruz de Cristo.....218
Rumo a grandes coisas: Discurso de
Finalistas na University of St. Thomas 222

PARTE VI
Navegar na polarização política 229

Quatro princípios para
católicos durante a época eleitoral 231
O governador Cuomo e a transcendência
não competitiva de Deus 235
Uma conferência no Capitólio 239
Um aplauso para *A Sensibilidade
Conservadora*, de George Will 243
Está na hora de todos os católicos
(e todos os crentes) acordarem:
O verdadeiro perigo do Projeto
de Lei da Confissão na Califórnia 247
Razões pelas quais precisamos
de uma distribuição de poder 251
O "guerreiro cultural" e a
falácia da concretização indevida 255

PARTE VII
Encarar a Covid-19 e o problema do mal

O nosso Milagre e o problema da teodiceia 261
A dor não é metafisicamente fundamental 265
Tragédia, contingência e um
sentido mais profundo de Deus 269
Deverá o sofrimento abalar a nossa Fé?.....273

O Coronavírus: saber ficar
em repouso num quarto 277
As três lições da quarentena sobre a Igreja 281
O Livro do Êxodo e a
importância de voltar à Missa 285
Volta à Missa! 289

PARTE VIII
Irradiar luz para as nações

Papa Francisco e os evangélicos 295
Laudato Si' contra a modernidade 302
Papa Francisco, *Fratelli Tutti*,
e o destino universal dos bens 306
O que é a Sinodalidade? 310
As constantes ratzingerianas
e a preservação da harmonia na Igreja 314
Em defesa do celibato sacerdotal 318
A questão por trás da questão 324
A Opção Beneditina e o dilema
identidade-relevância 327
São John Henry Newman 331
John Henry Newman no seu todo 334
Cardeal Etchegaray,
Henri de Lubac e o Vaticano II 338
O caminho de evangelização de *Word on Fire* 342
O retiro de *Word on Fire*
e a maravilhosa providência de Deus 346
Evangelizar através do bem 349
Tolkien, Chesterton e a aventura da missão 353
Confirmação e Evangelização 356
Paulo no Areópago:
Uma *masterclass* de evangelização 360